

Folha de S. Paulo

13/1/2002

18 ANOS DEPOIS

Maioria dos trabalhadores que chegam de outros Estados a Guariba não sabe ler; índice é o mais alto da região

Migração pode piorar taxa de analfabetismo

Da Folha Ribeirão

O analfabetismo funcional de chefes de famílias de Guariba, o mais alto da região (17,66%), será um dos problemas mais difíceis de serem solucionados pelo poder público.

A cada dia, novos migrantes chegam à cidade, trazidos pelas famílias que já haviam se instalado no município.

São homens vindos de Minas Gerais, Bahia, Alagoas e outras regiões pobres do país, na grande maioria analfabetos.

Esse é o ano, por exemplo, do baiano de Morro do Chapéu Florisvaldo Oliveira Miranda, 21, que chegou a Guariba no início do ano e não tinha previsão de partida. "Fiz um teste para uma usina e vou fiar mais um tempo aqui", afirmou. Casado e pai de um filho de um ano, que pretende buscar em breve, Miranda não chegou a freqüentar a escola e consegue escrever apenas o nome. "Só meu nome a pulso", disse.

Para sobreviver em Guariba até ser registrado no trabalho, o lavrador conta com a ajuda de parentes que estão na cidade há mais de quatro anos.

Os anfitriões de Miranda dividem um conjunto de casas, onde moram mais seis famílias, num pequeno cortiço do Jardim São Bento. Entre elas, está a família de Antônio Nilson Alves de Oliveira, 36, outro analfabeto que veio da Bahia, há quatro anos.

Os documentos que Oliveira recebe da usina onde trabalha são lidos pela mulher, Maria de Lourdes Nascimento da Luz, 28, que cursou até a 8ª série do ensino fundamental. "Estudar fica muito difícil porque quem trabalha na cana volta para casa 'morto' de cansaço e não tem disposição para mais nada".

Essa falta de disposição e de uma expectativa de vida melhor é apontada pelo prefeito da cidade, Hermínio de Laurentiz Netto (PSDB), como o grande empecilho para a redução do alto índice de analfabetos da cidade. "Não tem ninguém fora da escola com vontade de estudar", disse.

Um dos poucos exemplos de trabalhadores rurais que voltaram para a escola é o encarregado de turno Dorival dos Santos Paulino, 42, que retornou à sala de aula após 30 anos.

Para ele, além do cansaço e dos horários alternados de trabalho que o fazem trabalhar à noite, outro problema enfrentado por ele foi o preconceito. "Meus colegas perguntavam o que iria fazer na escola. Eu disse que nunca era tarde para voltar a estudar e que, se não desse conta, eu largava."

Segundo a professora de Paulino, Suely Marlene Contim, 46, o índice de evasão no curso de alfabetização de adultos chega a 30%.

Mecanização

Como os migrantes não param de chegar e o emprego nas lavouras de cana-de-açúcar tem diminuído com a mecanização da colheita desde 1994, o número de desempregados chega a 10 mil pessoas e preocupa o município, de 31.085 habitantes. "Em toda casa tem um desempregado. São adolescentes, mulheres e homens parados", afirmou o prefeito.

Ainda segundo Laurentiz Netto, a prefeitura tenta trazer fábricas para o parque industrial que está implantando na cidade. "Os usineiros que ajudaram a trazer esses migrantes para cá precisam ajudar agora o município a encontrar soluções", disse. (RP)

(Folha Ribeirão)